

Considerações históricas e teóricas dos Estudos Culturais e aproximações com os estudos em Comunicação¹

Priscila Kalinke da Silva²

Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

O principal objetivo deste artigo é sistematizar brevemente o histórico e os possíveis conceitos dos Estudos Culturais. Em paralelo a esta finalidade, intentou-se relacionar esta corrente, cuja proposta é interdisciplinar, com os estudos em Comunicação e a relevância do seu ensino nos cursos de Jornalismo. O recurso metodológico apropriado foi o bibliográfico. Tendo em vista o objetivo supracitado, a pesquisa partiu de estudos em autores considerados referências no campo e estudiosos que relacionam os Estudos Culturais à área da Comunicação.

Palavras-Chave: Estudos Culturais. Comunicação. Formação Cultural.

Formação Cultural e Estudos Culturais

Sintetizar os pressupostos históricos e conceituais dos Estudos Culturais (EC) é o principal objetivo desta pesquisa, especialmente buscar relacionar tal enfoque teórico à Comunicação. Tendo em vista esta proposta, buscar-se-á historicizar e conceituar os EC britânicos e latino-americanos e abreviar as principais temáticas tratadas por esta corrente de pensamento, mediante pesquisa bibliográfica.

A principal razão que justifica a realização deste estudo parte da motivação pessoal da pesquisadora em compreender, *grosso modo*, o panorama desta perspectiva teórica amplamente apropriada pelos estudos de Comunicação. Justifica-se, ainda, pelo interesse da pesquisadora em estudar a formação cultural do estudante de Jornalismo, pois a proposta de reflexão dos EC aproxima-se com aquela que acredita ser relevante para que, quando já formado, o profissional consiga produzir conteúdos noticiosos que possibilitam levar elementos de crítica ao leitor. A hipótese é que a formação cultural do jornalista – pautada

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Formada em Jornalismo pela Faculdade Maringá, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá e doutoranda em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: prikalinke@yahoo.com.br

no conceito não elitista de Cultura - refletirá em uma atuação prática mais reflexiva, isto é, contribui para compreender os fenômenos culturais que envolvem o tema noticiado. O conhecimento cultural, diz Bauman (2012, p.300), é “o único conhecimento audacioso o bastante para oferecer ao mundo seu significado, em vez de acreditar (ou fingir acreditar), com ingenuidade que o significado está ali, já pronto e completo, à espera de ser descoberto e aprendido”.

Antes de apresentar propriamente os Estudos Culturais, faz-se relevante problematizar o termo Cultura. Embora, etimologicamente o conceito referisse ao “ato de cultivar”, no Iluminismo o termo foi atrelado à “formação do espírito”, como soma de conhecimentos. Desta maneira, havia pessoas com mais cultura e outras com menos cultura. Em sintonia com os ideais progressistas do Iluminismo, a cultura estava vinculada à educação e à razão, sobretudo porque, neste ponto de vista, o progresso nasce da instrução. No final do século XIX, a antropologia apropria-se do termo e alarga as definições, a saber, cultura envolve além de conhecimento, crença, hábitos, artes, capacidades, entre outros.

Desta maneira, a primeira seção versará sobre fundamentos conceituais e a trajetória histórica dos EC; em seguida, tratará das principais abordagens pesquisadas pelos teóricos exponenciais desta corrente e, finalmente, as aproximações entre os Estudos Culturais e a Comunicação.

Estudos Culturais: história e pesquisas

O marxismo faz parte do contexto fundacional dos Estudos Culturais. Isso porque os pesquisadores “pais”³ deste novo campo de estudos possuíam as bases desse pensamento, embora revisem o papel da Cultura nas relações sociais apresentado por Marx. Para o marxismo tradicional, a Cultura era vista como dependente das relações econômicas, ou seja, era secundarizada e tratada como uma superestrutura. Contrapondo a este pensamento, os autores dos Estudos Culturais acreditam no papel relativamente autônomo da Cultura, porque apesar de sofrer influências, também possui força determinante para influir nas relações político-econômicas, ou seja, é um jogo dinâmico de interesses.

Pesquisadores da escola de Frankfurt, apesar de incluírem a Cultura no pensamento marxismo, ainda a enxergam e reduzem-na como Arte. Também conhecida como **teoria crítica**, esta linha aproxima-se dos estudos do *Institut Für Sozialforschung*, fundado em 1923, dirigido por Max Horkheimer (1895-1973). Nos estudos desta escola, Adorno e

³ Apenas Hoggart não possuía estreita relação com as teorias de Marx.

Horkheimer (1985), na obra *Dialética do Esclarecimento*, utilizam, pela primeira vez, a expressão “indústria Cultural”, quando atribuem ao sistema produtivo vigente o condicionamento do consumo cultural alienado pelo indivíduo. Estes autores fazem parte da primeira geração da escola, os quais entendem que a Cultura, construída essencialmente pelos meios de comunicação, reduz-se a um objeto sem valor simbólico, fora do padrão de qualidade estética exigida pela “alta Cultura”. A segunda geração da escola, cujo um dos representantes é Walter Benjamin⁴ (1892-1940), buscou superar a visão pessimista da fase anterior.

Em outro ponto de vista, com olhar mais pluralista acerca da Cultura, os **Estudos Culturais britânicos**⁵, como instituição, se organizaram, em 1967, no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Bermingham, dirigido pelo sociólogo inglês Richard Hoggart (1918 -). Em 1979, a direção do Centro foi assumida pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (1932 - 2014), período de ascensão destes novos estudos sobre a Cultura. Um dos objetivos dos Estudos Culturais, para Hall (1997, p. 11), é “[...] dar à Cultura um papel constituído e determinado na compreensão e na análise de todas as instituições e relações sociais”. Numa perspectiva mais crítica, atrela-se o valor superestimado da Cultura hegemônica, comparada à dos oprimidos, como uma forma reducionista na compreensão da Cultura.

Na obra “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, Stuart Hall (2008) situa historicamente o início dos Estudos Culturais britânicos com destaque para os autores considerados “pais” desta corrente de pensamento. A saber, destacam as obras *As utilizações da Cultura*, de Hoggart; *Cultura e Sociedade*, de Williams (1921-1988); e *A formação da classe operária*, de Thompson (1924-1993), para fortalecer este terreno que emergiu em meados dos anos 1950, embora este último livro citado tenha sido publicado, cronologicamente, mais tarde.

Em *As utilizações da Cultura*, publicado em 1957, Hoggart⁶ “propôs-se - muito no espírito da ‘crítica prática’ – a ler a cultura da classe trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões e estruturas [...]” (HALL, 2008, p. 124). Havia, portanto, o desvio da análise da “alta” ou “baixa” Cultura. Hoggart buscou compreender os

⁴ Com influências do pensamento otimista de Bloch, sobretudo em relação às possibilidades positivas que a Cultura poderia gerar.

⁵ Fortalecidos, teoricamente, pela revista *New Left Review*, cujos fundadores incluem os pesquisadores dos EC.

⁶ Formado em Literatura inglesa, mas rompe com a postura elitista de muitos dos profissionais formados nesta área, naquele contexto.

impactos culturais em materiais antes desprezados pelos pesquisadores. Por exemplo, em uma das seções da obra acima citada, Hoggart trata das dificuldades de sentimento de pertença vivenciadas pelos bolsistas, justamente por conviverem em dois grupos distintos, o círculo familiar e o escolar, sendo este último sobrevalorizado pela sociedade, haja vista o conceito elitizado de Cultura enraizado – para conquistar a Cultura é necessário instruir-se. Esta complexidade é explicada do seguinte modo pelo autor:

Esses rapazes vivem em dois mundos diferentes, o mundo da escola e o da casa, entre os quais existem muito poucos pontos de contato. Depois de entrar no liceu têm de aprender a falar de duas maneiras diferentes, assumir duas personalidades diferentes (nos casos extremos), a reconhecer a existência de duas séries de valores diferentes (HOGGART, 1973, p. 166).

Raymond Williams⁷, em *Cultura e Sociedade*, publicado em 1958, fez importante contribuição com um olhar diferenciado à literatura, pois entendia que a análise literária, a partir da Cultura, conectava-se à uma investigação social (ESCOSTHEGUY, 1998). Em 1961, lançou o livro *The long revolution*, no qual apresentou duas formas de conceituar Cultura, como sintetiza Hall (2008, p.126): “a primeira relaciona Cultura à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentidos e refletem suas experiências comuns” e a segunda “é mais deliberadamente antropológica e enfatiza o aspecto de ‘cultura’ que se refere às práticas sociais” (p. 127). Williams traz ainda importantes reflexões sobre a sociologia da Cultura, valorizando as relações sociais na obra intitulada “Cultura” e contribuições conceituais sobre Cultura e Estruturas de Sentimento⁸, na obra “Marxismo e Literatura” (1979). Além destas contribuições, o autor pesquisava o impacto cultural dos meios massivos e “constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música” (ESCOSTEGUY, 1998, p.89).

⁷ Formado em inglês e literatura. Fez trabalhos de educação de adultos de classes populares.

⁸ Segundo Williams (1979), há um sentimento comum expresso por dada sociedade que a faz tomar decisões impulsionadas por este sentimento coletivo. Estes sentimentos são diferentes conforme a época. Para este pesquisador, na música e na literatura estão estruturadas muitos destes sentimentos.

Thompson⁹, em *Formação da classe operária inglesa*, publicado em 1963, apresenta-nos um trabalho historiográfico que envolveu relações de trabalho na Inglaterra sob a lente da Cultura. No capítulo *Padrões e experiências*, acerca do contexto da Revolução Industrial, o autor direciona seu olhar para o consumo, as condições de moradia, as questões relativas à saúde, demografia e à infância (THOMPSON, 1987). Para ele, a Cultura é uma rede vivida de práticas e relações que constituem a vida cotidiana (ESCOSTEGUY, 1998) e estudava as relações sociais inglesas “vista de baixo”, isto é, a partir dos sujeitos colocados à margem pela historiografia tradicional.

No ponto de vista de Hall (2008, p. 125), estes três autores “[...] não apenas levaram a ‘cultura’ a sério, como uma dimensão sem a qual as transformações históricas, passadas e presentes, simplesmente não poderiam ser pensadas de maneira adequada”.

A ideia de hegemonia de Gramsci¹⁰ está presente nas ideias dos Estudos Culturais, porque ele acredita que não é a força física, nem a coerção que induzem ao **consentimento** da dominação dos grupos influentes da sociedade, mas a Cultura e a força intelectual. Não existe uma imposição, mas um jogo de forças sociais opostas cujo resultado será uma negociação entre as partes¹¹. Se pensarmos nos meios de comunicação, os receptores não acatam tudo o que lhes é ofertado, simbolicamente existe um campo de batalhas que faz com que as empresas se apropriem dos anseios da sociedade, bem como a sociedade se apropria de outros elementos intrínsecos àquela programação. É, portanto, um jogo, não podemos dizer que a mídia é o total reflexo da sociedade e nem que a sociedade é totalmente pautada pelos meios. Analogamente, os pensadores dos EC, estudam muitas vezes, as relações entre dominadores e dominados (resistência).

A contribuição de Stuart Hall¹² foi fundamental para impulsionar as pesquisas e sistematizar os estudos feitos até então pelo Centro. De origem jamaicana, Stuart Hall destacou-se nas discussões que envolviam a exclusão social e econômica e questões de identidade. Assim como ele, outros pesquisadores de origem popular, marginalizados nas universidades, contribuíram para a inclusão de pesquisas que envolviam um olhar mais atento às classes populares e o estudo de objetos culturais antes abominados pelas

⁹ Historiador britânico. Em parceria a Williams, buscava superar a ideia da submissão da Cultura à Economia. Também trabalhavam muito com a ideia da resistência, sobretudo em relação ao sistema capitalista.

¹⁰ Gramsci, embora marxista, também faz oposição à ideia estritamente economicista desta corrente. Assim, buscava analisar aspectos culturais da sociedade, considerada superestrutura para Marx.

¹¹ Sobre este jogo de forças, Curran (1998) diz existir pressões de cima para baixo que apontam a influência dos meios sobre a audiência, mas também pressões de baixo pra cima que revelam a resistência do público a certas imposições midiáticas. Deste modo, o consentimento advém da negociação entre ambas as forças.

¹² Nasceu na Jamaica em 1932. Em 1951 muda-se com a família para a Inglaterra, onde estudou como bolsista na Universidade Oxford.

instituições. As duas obras mais estudadas são *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* e *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*.

Em sintonia com as pesquisas britânicas, particularmente na América Latina insurge um novo centro de estudos de comunicação que focava questões pertinentes ao contexto cultural desta região. Nesse sentido, **pensadores latino-americanos**¹³ promovem nova discussão, sobretudo no que diz respeito às mediações culturais e o processo de recepção de produtos midiáticos. Embora haja um grande número de pesquisadores, destacam-se Jesús Martín-Barbero (1937 -), Guillermo Orozco Gomez (1954 -) e Nestor Canclini (1939 -).

Marín-Barbero¹⁴ indica, na obra *Dos meios às mediações*, publicada em 1986, o deslocamento do olhar dos pesquisadores da produção dos meios de comunicação para um olhar à recepção destes meios, sobretudo analisando as mediações que envolvem o processo de recepção midiática. Em 2004, em *Ofício de Cartógrafo*, revisa algumas das proposições apresentadas na primeira obra, transferindo a ideia “das mediações culturais da comunicação” para “das mediações comunicacionais da cultura”, não na tentativa de modificar novamente o olhar aos meios, mas o de enfatizar a importância do comunicativo no social, aproximando-se do processo de midiatização, muito estudado por José Luiz Braga, no Brasil (BRAGA, 2012).

Guillermo Orozco se dedica a estudar mais os processos de mediações sociais. Orozco (2005) apresenta cinco mediações no artigo *O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva*, a saber: a mediação videotecnológica, a mediação cognitiva, a mediação situacional, a mediação institucional e a mediação de referência. Neste sentido, ao se estudar recepção televisiva, faz-se relevante entender as mediações que envolvem os sujeitos estudados.

O terceiro autor supracitado, Nestor Canclini, com olhar mais antropológico, se dedica a estudar os processos de hibridação cultural latino-americana, a contradição apresentada na região entre tradicional e moderno e reflexões sobre comunicação e consumo. Sua obra mais conhecida intitula-se *Culturas Híbridas*, publicada em 1990, na qual busca desmistificar os rótulos do que é massivo, do que é popular, do que é culto, enfim das culturas encaixotadas, haja vista que os processos de globalização e hibridação tornaram “diluídos” no consumo. Neste sentido, a lógica da modernidade ao enquadrar os

¹³ Que também são conhecidos como Estudos Culturais Latino-americanos, embora não haja consenso entre os pesquisadores da área.

¹⁴ Nasceu na Espanha, mas vive na Colômbia desde 1963.

produtos/bens simbólicos como bons ou ruins para o progresso não servem num contexto social miscigenado.

Não há consenso quanto à formação de uma consolidação no pensamento, no entanto àqueles que aderem a ideia de que há sim uma Escola Latino-Americana de Comunicação (Elacom), que é formada por um conjunto de pesquisadores que não encontravam nas Escolas Americanas e Europeias teorias que explicassem as peculiaridades do sistema educacional, político e social dos países da América Latina. Quanto ao processo de recepção e mediação comunicacional, diferentemente da Escola Americana, que considerava o receptor apenas como o final do processo de comunicação, esta corrente de pensamento o observa como um processo circular, pelo qual recebe e produz mensagens simultaneamente.

No Brasil, as ideias de Paulo Freire foram importantes para compreender a importância da horizontalização da cultura e a relação dialógica no processo comunicacional. Essa última questão foi muito abordada na obra *Comunicação ou extensão?*, no qual explorava o papel ativo dos destinatários. Além de Freire, Renato Ortiz, em diversos textos e livros publicados na área de sociologia e comunicação, discutem questões de identidade particulares da região.

Abordagens temáticas dos Estudos Culturais

Nesta seção a intenção é reunir os principais assuntos abordados pelos Estudos Culturais britânicos e latino-americanos e sintetizá-los em forma de tópicos. Os seguintes tópicos foram selecionados para explanação: feminismo, raça e etnia, pós-modernidade, globalização, multiculturalismo, pós-colonialismo, hibridismo, recepção midiática e mediações culturais.

Nas décadas 1970 e 1980 emergiram diversos estudos sobre **feminismo**, especialmente pesquisas que analisavam representações das mulheres em produtos midiáticos, como revistas e *soap operas*, bem como a ideia de “resistência”. Embora os Estudos Culturais sofressem duras críticas¹⁵ de pesquisadoras que tratavam de temáticas feministas, Stuart Hall acredita ser esta uma das principais temáticas que fizeram avançar na teoria social e nas ciências humanas (segunda metade do século XX) e contribuíram para o rompimento de discursos “fechados” do conhecimento moderno (HALL, 1999).

¹⁵ Como a composição patriarcal deste centro de estudos e a subestimação de Estudos Feministas pelos Estudos Culturais. Estas opiniões foram rebatidas por Stuart Hall. No entanto, não podemos esquecer que estudos que enfoquem grupos oprimidos e marginalizados na sociedade são comum a estes dois territórios.

Separados por décadas, MESSA (2008) faz um mapeamento de Estudos Feministas e sua articulação com os Estudos Culturais. Será aqui destacado a pesquisa de Dorothy Hobson (1982 apud MESSA, 2008), cujas análises focavam sobretudo na recepção de mulheres a programas televisivos e questões ideológicas que cercavam os meios. É importante destacar que nos estudos de gênero não se resume a falar do sexo feminino, ou masculino, mas acerca das relações, como por exemplo, as relações de poder e de dominação.

Edward Said (2011), em *Cultura e Imperialismo*, versa sobre as nações que se apropriam do Imperialismo e o Colonialismo como potentes formadores ideológicos e suas interferências no processo cultural de grupos dominados. Neste sentido, questões **étnicas** são tratadas com afinco, bem como as adoções e/ou resistências de elementos culturais de colonizados e colonizadores como importantes na reflexão sobre hibridez das experiências históricas e culturais. Estudos sobre **raça e etnia, nacionalidade e cultura** também são explorados por Paul Gilroy, na obra intitulada *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Gilroy (2001) situa o Atlântico “como uma unidade de análise única e complexa em suas discussões do mundo moderno e utilizá-la para produzir uma perspectiva explicitamente transnacional e intercultural” (p. 57) e apresenta-nos o navio como “a oportunidade de se explorar as articulações entre as histórias descontínuas dos portos da Inglaterra, suas interfaces com o mundo mais amplo” (p. 60). Mediante estas tomadas, analisa discursos racistas ou etnicamente absolutistas que direcionam as relações políticas, sobretudo na Inglaterra.

Problematizações acerca do **pós-modernismo** também são bastante exploradas pelos autores, em especial a oposição modernismo e pós-modernismo. Para Morley (1998), se pensarmos cronologicamente, como uma fase após outra, a ideia de pós-modernidade sugere que houve superação do estágio anterior, sucessão esta que precisa ser mais bem refletida pelos intelectuais. Nesse sentido, muitos pesquisadores questionam se o pós-modernismo é um fenômeno presente na sociedade contemporânea e se sim, de qual sociedade estamos falando.

Não desvinculados do tópico anterior, os temas globalização e pós-colonialismo são fundamentais para os Estudos Culturais, sobretudo porque neste processo inclui o remodelar mútuo de culturas dos grupos envolvidos, avigorando aspectos multiculturais. Sobre **globalização e cultura**, Yudice (2006) destaca a apropriação de ideias e práticas culturais por grandes hegemonias para difundir valores capitalistas para um mercado global.

No entanto, não descarta a resistência, por meio de ações coletivas, das nações cujas ideias neoliberais foram empreendidas, reforçando a ideia gramsciana da luta hegemônica.

Se pensarmos cronologicamente, como explicamos acima, a ideia de **pós-colonialismo** também sugere a desvinculação dos colonizados aos colonos. Neste sentido, Stuart Hall e outros estudiosos do EC criticam a apropriação deste termo em suas pesquisas, porque não é possível dividir binariamente e os colonizados e colonos voltarem à sua “cultura original”. Sempre há efeitos culturais e “contaminações”, portanto precisa ser pensado como um processo transnacional e transcultural (HALL, 2008). Para este autor, o pós-colonial é uma marca de passagem de uma configuração histórica, contudo problemas de submissão, dependência e marginalização permanecem em grande medida nos territórios colonizados.

Os processos de globalização e colonização potencializa a discussão do **multiculturalismo**, pois contribuem para a ampliação de sociedades multiculturais, mediante os embates entre diversos grupos que disputam hegemonia. Na concepção de Stuart Hall (2008), é preciso diferenciar Multicultural¹⁶ e Multiculturalismo¹⁷, sendo que ambos devem ser usados no plural haja vista a diversidade de sociedades multiculturais e diversas políticas multiculturalistas, a saber: o conservador, o liberal, o pluralista, o comercial, o corporativo e o crítico. Por exemplo, o multiculturalismo corporativo busca administrar as diferenças das minorias, visando interesses do centro e o multiculturalismo crítico enfoca o poder, a hierarquia das opressões e dos movimentos de resistência. A partir das reflexões sobre estas temáticas, é imprescindível destacar o foco dos estudos de Stuart Hall acerca das identidades culturais.

Neste cenário de interculturalismo, aspectos de miscigenação e **hibridismo** aparecem nos estudos de Nestor Canclini e Homi Bhaba. Em Culturas Híbridas, a partir de experiências no contexto latino-americano, Canclini (2013, p. XIX) define hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Bhaba (2001), no entanto, questiona a ideia de duas culturas “puras” que se fundem para tornarem-se híbridas, pois, para ele, é insustentável pensar que existam essencialmente culturas originárias. Deste modo, acredita ser hibridismo um “terceiro espaço”, das quais formam

¹⁶ Que é a descrição das características sociais e de governabilidade apresentada por dada sociedade que busca conviver com diferentes grupos culturais, ao mesmo tempo que busca reter sua identidade “original” (HALL, 2008).

¹⁷ São as estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais (HALL, 2008, p. 50).

novas estruturas e exige novas políticas, formulado a partir do entre-lugar ou lugar de negociações (tradução cultural¹⁸).

Estudos de **recepção**¹⁹ midiática e **mediações** culturais foram amplamente empreendidos por pesquisadores latino-americanos. Como já explorado na seção anterior, destacam-se Martín-Barbero, com análises de recepção de novelas e Guillermo Orozco que buscou compreender o processo de mediação no ato da recepção, sobretudo, televisiva. Neste ínterim, intentou-se refletir sobre aspectos culturais que envolviam os processos de recepção, além dos processos de midiaticização na sociedade contemporânea.

Estudos Culturais e Comunicação

Os EC trouxeram grande contribuição para a pesquisa em Comunicação, pois superou a visão funcionalista de que os meios de comunicação servem para ordenar a sociedade e qualquer “ruído” é encarado como um problema e também supera a visão frankfurtiana – sobretudo a primeira fase -, que encara os meios de comunicação como parafernalias alienantes. Em oposição a estas visões, os Estudos Culturais veem os conflitos (“ruídos”) como formas de enfrentamento e tensões relevantes para produção de Cultura, assim como entendem que os meios de comunicação são importantes mecanismos de produção cultural. Outro ponto em que se distancia destas duas correntes é o fato de considerar o receptor como passivo no processo de comunicação, especialmente quando nas pesquisas observam atitudes de resistência à ordem estabelecida. Para finalizar esta síntese, é relevante enfatizar a importância dada às diversas culturas, ou melhor, ao rever as distinções básicas e hierárquicas da cultura elitista, cultura popular, cultura de massa, etc²⁰. Neste sentido, como o profissional de comunicação lida diretamente com os meios e com os interlocutores, esta corrente teórica pode ser apropriada em diversas pesquisas no campo, haja vista seu caráter interdisciplinar.

No texto *Repensar la comunicación de masas*, James Curran (1998) faz uma crítica ao funcionalismo liberal e o funcionalismo crítico, que são justamente as duas correntes acima apontadas como superadas pelos EC, porque sob um ponto de vista a mídia é vista

¹⁸ Algumas culturas precisam revisar seus hábitos, costumes, ideias para que sejam possíveis negociações com o outro.

¹⁹ Sendo o cotidiano uma situação profícua para este tipo de pesquisa, pois é o local no qual estão presentes os hábitos, as relações sociais, etc.

²⁰ É por estas razões que justifico a hipótese inicial apontada neste texto sobre a importância dos Estudos Culturais para a formação do jornalista a fim de que sua atuação seja mais consciente das tensões da sociedade e que sejam fornecidos subsídios para que nas produções noticiosas explicitem aspectos culturais e sociais que envolvem o fato, superando conceitos já estabelecidos socialmente.

como um espelho da realidade e sob o outro ponto de vista, a mídia distorce totalmente a realidade. Para o autor, ambas são extremistas, e considera ser mais coerente discutir os processos de negociação (aceitação x resistência) entre os meios de comunicação e a sociedade, o campo de forças discutido no início deste artigo.

Seguindo esta linha de pensamento, Hall (2008), no capítulo *Codificação/Decodificação*, não acredita no processo direto – *sine qua non* - de manipulação do “destinatário” a partir da recepção midiática. Em sua concepção, só há “efeito” se a apropriação for de um discurso significativo para o interlocutor. Por isso, também faz críticas aos “usos e gratificações” – considerada positivista por Hall (2008), porque antes de suprir a uma necessidade ou que se “use” a mídia, é preciso que a decodificação seja significativa e que tais significações sejam transportadas para a prática ou para a consciência. Essa afirmação do autor deve-se, sobretudo por compreender que os signos são carregados de sentido, e como cada sujeito possui um “mapa conceitual” próprio, as leituras se diferenciam de um receptor para outro, gerindo graus de simetria/assimetria distintos.

Particularmente na América-Latina, os discursos publicitários, produção e recepção de meios jornalísticos e telenovelas são frequentemente objetos de análise, embora Lopes, Borelli e Resende (2002) esclareçam que ainda faltam pesquisas empíricas de abordagem qualitativa focadas na crítica cultural e política. Neste sentido, estas pesquisadoras realizaram trabalhos de recepção com telenovela buscando refletir sobre estes aspectos que, segundo elas, são escassos no Brasil. Na pesquisa realizada a partir da novela *A Indomada*, elas buscaram analisar o contexto político-cultural do produto e os processos de recepção levando em conta as mediações articuladas no espaço de produção e apropriação dos discursos. As contribuições quanto às combinações metodológicas para se desenvolver esta pesquisa empírica e analítica são bastante relevantes no trabalho das autoras.

Douglas Kellner é outro pesquisador cujas pesquisas se direcionam a entender aspectos políticos e culturais dos meios. Em uma das seções, na obra *Cultura da Mídia*, Kellner (2001) faz uma leitura política e ideológica dos três primeiros filmes de Rambo, relacionando-os à política conservadora de Ronald Reagan²¹. No estudo, compreendeu que a cultura da mídia contribui para o estabelecimento da hegemonia e produz representações sociais por intermédio dos discursos, imagens, etc. Na visão de Escosteguy (2006, p.4), os estudos de Kellner sugerem resgatar a ideia de que a cultura da mídia “cria tanto formas de

²¹ Presidente dos EUA entre 1981 e 1989.

dominação ideológica que reiteram as relações de poder vigentes quanto fornece material para construção da resistência, por isso, a cultura é entendida como uma prática que implica participação dos sujeitos”.

Considerações finais

Com uma proposta não hierarquizante da Cultura e o olhar voltado mais ao cotidiano, os Estudos Culturais possibilitam pesquisas menos rígidas metodologicamente, abrindo espaços para diferentes reflexões, além do conceito da desvinculação de respostas prontas, como comumente eram observados nos resultados de pesquisa. Talvez neste ponto resida a principal crítica aos EC, pois em decorrência da sua proposta interdisciplinar, não se vincula, epistemologicamente, a correntes rígidas.

Por outro lado, esta proposta polifônica de elementos distintos a serem explorados e as possibilidades de reflexão cultural afinadas ao contexto, contribuem para uma formação, neste caso do jornalista, que permita ao estudante compreender aspectos culturais que envolvem a sociedade contemporânea, e que possivelmente se refletirá nas produções noticiosas quando da sua atuação prática.

Neste cenário, pesquisas que se apropriam dos conceitos dos EC colaboram para uma construção de registros para além da história oficial, isto é, um “olhar de baixo”, a partir de grupos e objetos excluídos historicamente pela academia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.

BHABA, HOMMI. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós. 2012.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. 6. Reimp. São Paulo: Edusp, 2013.

CURRAN, James. Repensar la comunicaciónde masas. In: CURRAN, James, MORLEY, David, WALKERDINE, Valerie (Orgs). **Estudios culturales y comunicación**. Barcelona: Paidós, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

_____. Os estudos culturais em debate. **Unirevista**, vol. 1, n. 3, jul 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Escosteguy.PDF. Acesso em 01 dez. 2013

_____. **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa: uma versão latino-americana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. Estudos Culturais: as margens de um programa de pesquisa. **E-Compos**, vol. 6, ago. 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/77/77>. Acesso em 01 dez. 2013

_____. Os Estudos Culturais. In Revista **Famecos**, n.9, Dezembro, 1998. P.89-97. Disponível em http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf. Acesso em 01 dez. 2013.

GIROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo/Rio de Janeiro; Editora 34/Universidade Cândido Mendes, 2001.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em www.scribd.com/doc/.../Stuart-Hall-A-Centralidade-Da-Cultura-1997. Acesso em 19 dez. 2013.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, UFMG, 2008.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Vol. 1, 2. Lisboa: Presença, 1973.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LOPES, Borelli e Resende. **Vivendo com telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MORLEY, David. Posmodernismo: uma guia básica. In: CURRAN, James, MORLEY, David, WALKERDINE, Valerie (Orgs). **Estudios culturales y comunicación**. Barcelona: Paidós, 1998.

O’SULLIVAN, Tim et al. **Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura**. Piracicaba: Unimep, 2001.

OROZCO, G. O telespectador frente à televisão. **Communicare**. São Paulo: FCL, v. 5, n. 1, 2005. p. 27-42.

SAID, EDWARD W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

MESSA, Márcia R. Os Estudos feministas de mídia: uma trajetória anglo-americana. In: ESCOSTEGUY, Ana C. (Org). **Comunicação e gênero**: a aventura da pesquisa: uma versão latino-americana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 38-60.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**. Usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2006.